



NO 50.º ANIVERSARIO DO OPUS DEI

EM DEFESA DA FAMÍLIA

O fundador do Opus Dei (instituição fundada em 1929, para a defesa da fé e da família), Monsenhor Josémaria Escrivá de Balaguer, já na primeira metade deste século aponta e defende caminhos de santificação para a família, depois consagrados na “Constituição Dogmática sobre a Igreja” do Concílio Vaticano II. O senhor Bispo de Leiria, Dom Alberto Cosme do Amaral, traça, neste artigo, a fisionomia de monsenhor Josémaria Escrivá e expõe os princípios fundamentais da sua doutrina

por ALBERTO COSME DO AMARAL
(Bispo de Leiria)

A 26 de Junho de 1975, falecia em Roma, com fama de grande santidade, Mons. Josémaria Escrivá de Balaguer, universalmente conhecido por ser o fundador do Opus Dei. Esta associação católica internacional abriu aos fiéis um novo caminho de santidade no meio do mundo, através do trabalho profissional habitual dos deveres familiares e sociais. O Opus Dei está hoje estendido pelos cinco continentes, com mais de setenta mil sócios, de oitenta nacionalidades.

São múltiplos e relevantes os méritos de Mons. Escrivá e a História há-de conhecê-lo como um dos maiores educadores cristãos deste século. A sua pedagogia é tradução fiel do Evangelho, que ele meteu dentro da alma, para iluminar os caminhos da sua vida pessoal, e da sua actividade apostólica. Educar não é transmitir umas quantas normas que se aprendem de cor. Educar é, antes de mais, viver esses ideais altos e nobres, pelos quais vale a pena lutar. Para um cristão, educar é imitar

Cristo. E Mons. Escrivá esforçou-se por revelar, em cada momento da sua existência, o Cristo do Evangelho. Era-lhe familiar a expressão “enamorar-se de Cristo”, porque, na realidade, Cristo foi a primeira paixão da sua vida. Com essa lhe vieram todas as outras, que fizeram dele um vulcão de amor a todos os homens, porque todos lhe interessavam, pois por todos eles morreu o Senhor. Cada alma vale todo o sangue de Cristo, costumava dizer.

Para Monsenhor Escrivá, Cristo é verdadeiramente o centro da História da Humanidade, da História de cada um de nós. Gostava de repetir: “Sou um pobre sacerdote *que ama com loucura* a Jesus Cristo”.

Princípios Fundamentais

Desta base sólida arranca todo o projecto educativo de Monsenhor Escrivá: em Cristo, o homem tornou-se participante da natureza divina, filho de Deus pela graça, herdeiro da glória

eterna. Toda a vida humana realiza um círculo maravilhoso: de Deus, para Deus. Ignorar a origem e o destino sobrenaturais do homem equivale a mutilá-lo, no seu ser e no seu existir. Toda a educação que prescinde de Deus, — o único que pode satisfazer as ânsias de infinito que põem em carne viva o coração do homem — é afinal contra o homem.

Como é necessário recordar estes princípios fundamentais, agora que, por toda a parte, se instala a escola marxista ou marxizante, materialista e ateia, e a família cada vez mais se demite, como espaço privilegiado da educação integral da pessoa humana!

Para o Fundador do Opus Dei, a família cristã deve constituir um lar *luminoso e alegre*, à semelhança do lar de Nazaré, onde encontramos a maior santidade que podem realizar simples criaturas. Sim, porque o matrimónio é caminho divino, caminho de santidade, grande e heróica, incarnada na vulgaridade de uma vida de trabalho

simples e modesta. O preceito do Senhor — "Sede perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito" (Mt. V, 48) — estende-se a todos. A santidade, segundo Monsenhor Escrivá, não é aristocrata, privilégio de poucos; é para todos, qualquer que seja a sua condição, o seu estado, o seu grau de cultura, a sua profissão. Ninguém está excluído do Evangelho, que é apelo de radicalidade na entrega.

Conciliar antes do Concílio

Esta doutrina, que estava bem presente na alma e na vida dos primeiros cristãos, obscureceu-se durante séculos, e por isso, quando o Fundador do Opus Dei começou a pregá-la, à luz do dia, "sobre os telhados", a partir de 1928, não lhe faltou a contradição, a oposição, a hostilidade dos "bons". Foi mesmo acusado de heresia, muitos o condenaram no tribunal da sua inquisição pessoal, e, satanicamente, sem dissonância de consciência, propagaram aos quatro ventos a sua insegura sentença.

Monsenhor Escrivá rezava, sofria, perdoava e calava. E qual não terá sido a sua alegria e acção de graças, quando a Igreja, reunida em Concílio, confirmou solenemente a doutrina que ele vinha a pregar há dezenas de anos (Vaticano II, Constituição Dogmática sobre a Igreja, Cap. V). Por designio de Deus, sobre este aspecto e outros mais, o Fundador do Opus Dei foi, verdadeiramente, um precursor do Concílio. "É evidente, já hoje, — escrevia o Cardeal Baggio em 1975 — que a vida, a obra e a mensagem de Mons. Escrivá de Balaguer marcam um novo rumo, ou mais exactamente, um novo e original capítulo na história da espiritualidade cristã".

Caminho Divino

Mons. Escrivá ensinou sempre que "o matrimónio não é para um cristão uma simples instituição social e, menos ainda, um remédio para as fraquezas humanas; é uma autêntica vocação sobrenatural" (*Cristo que passa*, n. 23).

É sobre esta realidade primeira que assenta toda a espiritualidade conjugal. Os esposos recebem, com o Sacramento, a graça para serem santos, no quadro concreto da sua vida familiar: "Os casados estão chamados a santificar o seu matrimónio e a santificar-se nessa união: cometeriam, por isso, um erro grave, se edificassem a sua vida espiritual à margem do lar.

A vida familiar, as relações conjugais, o cuidado e a educação dos filhos, o esforço por sustentar, manter e melhorar economicamente a família, as relações com as outras pessoas que constituem a comunidade social, tudo isto são situações e correntes que os esposos cristãos devem sobrenaturalizar" (Ibid.).

Caminho de amor

O Fundador do Opus Dei escreveu páginas belíssimas sobre o amor de marido e mulher, que é uma realidade santa, abençoada pelo Senhor. O acto da geração não é algo de vergonhoso e feio; é antes uma participação no poder criador de

Amor progressivo e fecundo

Este amor casto e limpo dos esposos, porque radicado na alma e dignificado com a graça do Sacramento, não envelhece com o passar dos anos, antes se renova e se torna mais fino, como o bom vinho que é tanto melhor quanto mais idade tem.

Nem o abalam as dores físicas ou morais, as contrariedades, as pequenas zangas, as diferenças de carácter, a monotonia da vida sempre igual. Tudo isto revigora e consolida o amor e também o purifica, como no cadinho se purifica o ouro, se os esposos se amam em Cristo e por Cristo, que é sempre jovem "de ontem, de hoje e de todos os séculos" (Heb. 13, 8). E

timidade do casal destroçada. Marido e mulher já não podem contemplar-se, cara a cara, olhos nos olhos, com dignidade e nobreza, com serenidade e paz. Já não são colaboradores de Deus, mas cúmplices em ofendê-lo. Infranimalizaram-se, porque o instinto do animal respeita sempre o plano divino.

Família numerosa

Monsenhor Escrivá, precursor do Concílio, como dissemos acima, mas também seu discípulo fidelíssimo, louva e abençoa com as duas mãos a família numerosa. Efectivamente, o Vaticano II afirmou: "Entre os cônjuges que assim cumprem a missão que lhes foi confiada

Mons. Escrivá escreveu páginas belíssimas sobre a autêntica emancipação da mulher, que deve caminhar ao lado do homem com igualdade de direitos (foto em baixo). Igualmente louva os que, consciente e magnanimamente aceitam de Deus uma família numerosa (foto da pág. seguinte).



Deus. Os pais são ajudantes de Deus, na obra maravilhosa de propagar o género humano e aumentar as dimensões do Corpo Místico de Cristo que é a Igreja: "O sexo não é uma realidade vergonhosa; é uma dádiva divina que se orienta limpamente para a vida, para o amor, para a fecundidade" (Ibid., n. 24). A união dos corpos é sinal de amor e ao mesmo tempo exigência de amor; amor que não é busca ou afirmação de si próprio, satisfação pessoal, mas trâmite de renúncia e de sacrifício, que constituem a base sólida do verdadeiro amor, capaz de resistir a todos os ventos e ultrapassar todos os obstáculos.

nunca a vida será monótona, se o amor é sempre maior. No amor de Cristo à sua Igreja, até dar a vida por ela, encontra o amor conjugal o modelo mais perfeito e a exigência mais radical.

Ensinando a doutrina que a Igreja sempre ensinou, Monsenhor Escrivá insistia em que este amor casto e limpo e alegre, entre marido e mulher, se ordena à fecundidade. Buscar o prazer pelo prazer é degradar o amor; mais, é destruí-lo. O prazer, no plano de Deus, não é fim, é meio. Inverter esta ordem é perversão, é pecado, que afasta os esposos de Deus e os afasta um do outro. O dom divino da sexualidade foi profanado, a in-

por Deus, são dignos de menção muito especial os que, de comum acordo e reflectidamente, se decidem, com magnanimidade, a aceitar e a educar dignamente uma prole mais numerosa" (Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo moderno, n. 5).

Para mais clareza podemos resumir assim alguns ensinamentos de Monsenhor Escrivá sobre a família numerosa: "Ser as fontes da vida é um crime contra os dons que Deus concedeu à humanidade e uma manifestação de que é o egoísmo, e não o amor, o que inspira a conduta" (*Cristo que passa*, n. 25).

Ao louvar a família numerosa (cfr. *Temas actuais do Cristia-*

nismo, n. 94), não se refere àquela que é fruto de relações meramente fisiológicas, mas sim consequência salutar das virtudes humanas e cristãs que estão em causa: apurada consciência da dignidade da pessoa humana, vivo sentido sobrenatural da vida nova que surge, disponibilidade para a delicada e difícil tarefa de educar. Pode haver casos concretos em que a vontade de Deus aponte precisamente para uma família pouco numerosa. Mas é criminosa, anti-cristã e infra-humana a teoria que faz da limitação da natalidade um ideal ou um dever. O número, só por si, não é decisivo na autenticidade cristã da família. O que importa é a rectidão da vida matrimonial: o amor sério de marido e mulher transcendendo os dois e abre-se ao seu fruto natural que são os filhos; o egoísmo, pelo contrário, queda-se na satisfação do instinto, comum ao animal. O sorriso irónico, a falsa compaixão ou o ataque frontal perante a família numerosa, são fruto de um ambiente social que nada entende de generosidade, feito de egoísmo, de materialismo e hedonismo; mas os cristãos estão postos no mundo, não para serem vítimas do ambiente, mas para criar ambiente, segundo a palavra de S. Paulo: "Não vos conformeis com este século, mas renovai-vos" (Romanos 12, 2).

Emancipação da mulher

Sabemos quantas armadilhas se têm forjado à volta do tema e a quantos abusos tem dado lugar a tão cantada e decantada emancipação da mulher.

Monsenhor Escrivá admite a igualdade de direitos, no essencial; ambos se encontram na mesma dignidade de pessoa humana e de filiação divina. E esta igualdade deve ser reconhecida juridicamente, tanto na legislação civil, como na legislação eclesiástica. Mas não pode de maneira nenhuma ignorar a diferença que nasce da própria natureza, digamos melhor, da própria vontade de Deus; nem pode levar a uma identificação no modo de agir. Essa identificação seria um empobrecimento para a humanidade. A mulher traz consigo uma riqueza de valores específicos que nada e ninguém pode substituir. A igualdade não pode confundir-se com uniformidade, nem pode matar a diversidade.

Há alguma coisa fundamental que a mulher traz à família, à Igreja, à sociedade civil: a delicadeza, a sensibilidade, a ternu-

ra, a capacidade de entrega, a instrução, a piedade, a perseverança, a paciência, a capacidade de sofrer... (Cfr. *Temas Actuais do Cristianismo*, n. 87).

A mulher tem particular vocação para o silêncio, para a vida escondida, para a doação generosa e inadvertida. Exemplo maravilhoso o da Virgem Santa, cuja missão transcendente se realizou através de uma existência apagada, sem brilho, sem relevo.

Mas não deve a mulher pôr-se ao serviço da sociedade, à luz do dia, sem inibições? Sem excluir trabalhos profissionais que directamente influem na sociedade, Monsenhor Escrivá pensa que o lar e a família devem ocupar um espaço privilegiado na vida da mulher. É ali que melhor pode desenvolver a sua própria personalidade e servir, mais eficazmente, a sociedade civil. Além de realizar o que constitui o mais insubstituível da sua missão. O que pode acontecer de mais grave para ela, para o marido e para os filhos, e para a própria sociedade religiosa ou civil, é precisamente o abandono do lar, onde ninguém pode substituí-la. Por isso, o lar será sempre o ponto de convergência, a zona nuclear, o espaço vital, na existência da mulher.

Compreenderá, mais facilmente, as exigências destes princípios a mulher que faz de Cristo o centro da sua vida, que contempla à luz da fé as realidades temporais, e é portadora de um conjunto de virtudes humanas, base sólida do edifício espiritual e moral que pretende construir: "Uma mãe tem ao seu cuidado três, cinco, dez ou mais filhos, e pode fazer deles uma verdadeira obra de arte, uma maravilha de educação, de equilíbrio, de compreensão, de sentido cristão da vida, de modo que sejam felizes e consigam ser realmente úteis aos outros" (*Temas Actuais do Cristianismo*, n. 89). O trabalho dentro da casa pode constituir a função social de maior projecção.

A mulher e a vida pública

A mulher, não menos que o homem, tem o direito, que em circunstâncias concretas é dever, de participar activamente na vida pública. Aliás, a sociedade democrática reconhece esse direito (Cfr. *Temas Actuais do Cristianismo*, n. 90).

O que importa sumamente é a competência profissional, que não pode contentar-se com a formação prévia, imediata, mas tem de ser cultivada e aperfeiçoada permanentemente, de

modo a responder às novas exigências que vão surgindo. Como a vida é dinâmica, aberta a uma evolução cada vez mais rápida, é urgente que a formação acompanhe o seu ritmo.

O profissional inapto é um obstáculo ao progresso da sociedade, e o bem comum reclama o seu afastamento da vida pública e política. Mas a mulher, devidamente preparada e actualizada, deve ter acesso à vida pública, a todos os níveis. Na gestão de negócios públicos

muito mais, e cristianizar, a legislação familiar e social. "A sua fé cristã confere-lhe a responsabilidade de realizar um autêntico apostolado, quer dizer, um serviço cristão a toda a sociedade" (*Temas Actuais do Cristianismo*, *ibid.*), sem que, por isso, comprometa a Igreja, pois actua em plena liberdade, segundo as suas próprias opiniões, formuladas com o sentido de responsabilidade, e em harmonia com a fé que processa. Deste modo, a mulher alar-



quase não poderemos falar do específico da mulher. Mas é de esperar, isso sim, que leve a todas as suas tarefas esses matices que decorrem da sua condição de mulher. Inclusivamente, pode acontecer que, precisamente porque é mulher, só ela pode detectar e resolver problemas, que o homem não seria capaz de vislumbrar sequer.

Posso exemplificar: as qualidades da mulher dão mais forte garantia de solucionar problemas relacionados com a vida familiar, a educação das crianças, dos adolescentes e dos jovens.

A presença da mulher na elaboração de um projecto educativo integral pode humanizar

ga os horizontes do seu apostolado, já que não se limita aos membros da família - *domesticos fidei* - mas adquire as dimensões da sociedade maior em que está inserida e pela qual é também responsável.

Com essa virtude tão humana e sobrenatural, que se chama ordem, ela poderá, à semelhança dos primeiros cristãos, (por exemplo Aquila e Priscila), organizar a sua vida de modo a evangelizar os da sua casa e a multidão dos irmãos que têm necessidade do seu serviço.

O dia-a-dia do casal

Para evitar o possível cansaço da vida a dois, a monotonia

dos dias sempre iguais e suportar o peso das contrariedades quotidianas, Monsenhor Escrivá dá aos esposos uma receita infalível: "Que se amem".

Que se amem verdadeiramente, não se buscando a si próprios, mas prodigalizando-se um ao outro sem cálculos, hesitações ou reticências. Porque amar é dar-se.

O amor renova todas as coisas e renova as pessoas, porque é participação do amor infinito de Deus que é eterna juventude. Trata-se de meter o amor divino no amor humano.

O amor exige que marido e mulher se aceitem mutuamente como são, com as suas qualidades, mas também com os seus defeitos, ajudando-se um ao outro a desenvolver qualidades e a corrigir defeitos. O amor levará a passar por alto pormenores incómodos que sempre aparecem na vida dos esposos, com optimismo sorridente, um pouco de humor humano e sobrenatural. Cada um se esforçará por tornar a vida agradável ao outro. Mas, como a vida será sempre uma cruz, se for levada pelos dois, pesará menos a cada um. O amor, como diz S. Paulo, tudo tolera, tudo sofre e tudo crê; é paciente e benigno (Cfr. 1 Cor 13, 4-7).

O Fundador do Opus Dei recomenda aos casados que não dramatizem os pequenos contrastes e divergências, as diferenças temperamentais ou ideológicas, fixando-se cada vez mais nas qualidades e não nos defeitos do outro. Se não for assim, correm o risco de matar o amor. Compreender, desculpar, perdoar, e muitas vezes calar, esperar outra ocasião.

"Porque te zangas, se zangando-te ofendes a Deus, incomodas os outros, passas tu mesmo um mau bocadinho... e por fim tens de te acalmar?" (Caminho, n.8).

Devem convencer-se os casados de que receberam do Senhor a graça do Sacramento do Matrimónio precisamente para praticarem todas as virtudes humanas e sobrenaturais reclamadas pelo seu estado. O Senhor não os chamou ao matrimónio à falsa fé. Ele é fiel e, se pede muito, dá muito mais. Se os esposos procurarem ter vida interior, viver o dia a dia voltados para Deus, numa palavra, se O metem bem dentro da barca, esta não irá a pique; vencerá todos os vendavais e tempestades.

Não diz S. Paulo que a piedade é útil para tudo? (Cfr. 1 Tim 4, 8). *Caminho de santidade é o matrimónio*; portanto, é normal que, alguma vez, exija heroísmo.

Mas o Senhor é sempre magnânimo, e se somos homens e mulheres de fé e estamos dis-

postos a dar tudo, Ele fará novos milagres.

Monsenhor Escrivá deseja que os esposos mantenham pela vida fora o encanto dos primeiros dias de casados; para tanto, devem conquistar-se, um ao outro, em cada dia; cada um porá o coração no solo para que o outro não se magoe.

Faz particulares exigências à mulher, que há-de semear de sorriso toda a sua existência, para que o lar seja "luminoso e alegre". Sorrir, sorrir sempre, não é tarefa fácil. Mas o Senhor está lá e tudo é possível ao que crê. Recomenda-lhe que não descure o arranjo da sua pessoa. Antes do casamento tudo lhe parecia pouco para encontrar algum que por ela se interessasse, em ordem à constituição do lar. À medida que os anos passam, maior deve ser o cuidado de *ser agradável* ao marido. E com o humor que sempre o acompanhou, Monsenhor Escrivá diz que, quanto mais envelhecidas estão as fachadas, maior deve ser o cuidado em repará-las e cita a propósito um velho refrão castelhano: "Mulher composta retira o homem de outra porta" (Cfr. *Temas Actuais do Cristianismo*, n. 107; *Cristo que passa*, n. 25).

Oração e trabalho

Este programa não é só para os beneditinos. É para os cristãos correntes que vivem em pleno mundo: na vida familiar, na vida profissional, no convívio humano e social. A oração é a atitude primeira de todo o filho de Deus: viver a vida diante do seu Pai Deus, por Ele, com Ele e n'Ele: Esse Deus que, por amor, nos trouxe à existência e, por amor, estabeleceu morada dentro de nós. A contemplação é vocação de todo o filho de Deus.

Este clima de intimidade com Deus fortalece os laços de amor, revigoriza-os e defende-os dos múltiplos ataques que lhe são movidos pelo mundo, pelo demónio e pela carne. A contemplação tem que ser alimentada com fortes laços de oração: oração pessoal, oração do casal (quem não conhece o exemplo de Tobias e Sara?), oração da família.

A oração familiar assegura um novo modo de presença de Deus: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei Eu no meio deles" (Mat 18, 20). E se Ele está connosco, quem contra nós? (Cfr. Rom 8, 31). A melhor fortaleza do casal é a oração, ou antes, a vida de oração, porque esta não devia interromper-se. Os actos de oração alimentam a vida de oração que



Em cima: uma atitude característica do Fundador do Opus Dei, durante uma conferência. Em baixo: acariciando um bebé. Mons. Escrivá era dotado de uma personalidade atraente e capaz de uma ternura extraordinária.

continua no trabalho, na rua, em casa, no contacto com os amigos.

Monsenhor Escrivá recorre, frequentemente, à Família Sagrada de Nazaré — bendita "trindade da Terra", assim lhe chamava — como modelo de família cristã. A Família de Nazaré realizou a santidade maior de criaturas na vulgaridade de uma vida de oração e de trabalho, vida escondida e silenciosa.

O trabalho é dever grave de todo o homem, é objecto de um mandamento divino do qual ninguém está dispensado. Não é consequência do pecado, como muitos pensarão. É dádiva de Deus, concedida do homem antes do pecado, como expressão do carinho de Deus. O paraíso terrestre foi dado aos nossos primeiros pais, como espaço privilegiado de trabalho (Cfr. Gén. 2, 15). O trabalho é expressão e exigência de amor. Pelo trabalho o homem desenvolve a sua própria personalidade, é útil a si e aos outros, torna-se colaborador de Deus na obra maravilhosa da criação. É tão grave para todo o homem o dever de trabalhar, que S. Paulo chega a dizer que não

tem direito de comer quem não trabalha (Cfr. 2 Tess. 3, 10).

O trabalho é um dos grandes pilares, sobre os quais assenta o edifício familiar. Para os pais de família este dever, comum a todos, torna-se mais urgente e imperioso, porque brota dessa responsabilidade tremenda de alimentar, vestir e educar os filhos que o Senhor quiser dar-lhes. Família que não trabalha destrói-se a si mesma e priva a humanidade dos serviços que poderia prestar-lhe. Por outro lado, o trabalho realizado com perfeição humana e sentido sobrenatural, em união com Cristo trabalhador, é instrumento de santificação pessoal e de irradiação apostólica. Monsenhor Escrivá sintetizava lapidariamente: "Santificar o trabalho, santificar-se no trabalho, santificar com o trabalho"

O gravíssimo dever de educar

Monsenhor Escrivá, na sua linguagem incisiva, directa, clara, dizia que "trazer criaturas ao mundo não basta: isso também fazem os animais. É preciso educar. E neste domínio o papel dos

pais é insubstituível. Eles são os primeiros educadores dos seus filhos, tanto no plano da fé, como no plano da simples natureza. É difícil dar uma síntese, sequer, do ensinamento de Monsenhor Escrivá sobre este tema, tão rico ele é. Contentar-nos-emos com sublinhar algumas das suas principais ideias.

O chamado conflito de gerações pode ser superado, ou pelo menos atenuado, tendo presentes alguns princípios (Cfr. *Temas Actuais do Cristianismo*, n. 100). Primeiramente, os pais têm de compreender que a mentalidade dos filhos seja diferente da sua. Isso é normal. Anormal seria que os adolescentes ou os jovens pensassem exactamente como as pessoas maduras. Isso, a dar-se, seria um empobrecimento para a família e para a sociedade.

Não devem portanto dramatizar as rebeldias dos filhos. Também eles foram rebeldes e, mais tarde, vieram a reconhecer que os seus pais tinham razão em algumas coisas, pelo menos.

Aos pais compete a iniciativa, no sentido de criar um clima feito de serenidade, de paz, de harmonia, de alegria, de mútua confiança. Para tanto é necessário amar, "com amor inteligente". Amor afectivo e efecti-

vo; quer dizer, um amor que se concretiza em pormenores de atenção, de vigilância discreta e confiante, de carinho, de presença. A verdadeira amizade conjuga-se admiravelmente com a autoridade a que não podem renunciar. Trata-se de dialogar, no sentido mais profundo da palavra; o diálogo brota do amor, com a espontaneidade do canto das aves. Só quem ama pode dialogar.

O diálogo supõe confiança: que os pais mostrem claramente que confiam nos filhos e dêem provas dessa confiança em atitudes muito concretas, ainda que venham a ser ludibriados. É preferível serem enganados, alguma vez, a mostrarem-se desconfiados dos filhos. A confiança gera o espírito de liberdade. Aos pais compete ensinar os filhos a usarem bem desta liberdade que supõe, vivo, o sentido de responsabilidade.

Ninguém melhor do que os pais está em condições de iniciar os filhos no conhecimento da origem da vida, porque, para tanto, receberam uma graça que ninguém mais tem. É mau abandonar os filhos à mercê de companheiros maliciosos, ou de leituras frias e rudes, pornográficas talvez. É ao calor do amor dos pais que os filhos po-

derão receber, quase espontaneamente e no momento próprio, a revelação do carácter sagrado da vida, na sua origem e na sua evolução.

Monsenhor Escrivá recomenda aos pais que procurem manter sempre um espírito e um coração jovens, que se aproximam facilmente dos seus filhos, de modo que estes entrem num plano de confiança altamente salutar. Dos pais devem os filhos aprender a autêntica piedade cristã (Cfr. *Temas Actuais do Cristianismo*, nn. 102-103), que não é beatice, caricatura infeliz da verdadeira piedade, mas colóquio íntimo, espontâneo e sincero com Deus, a quem se fala como ao pai, ao amigo, na obscuridade, mas também na certeza da fé.

A piedade apresentar-se-á aos jovens com suficientes motivos de credibilidade, se a virem encarnada na vida alegre e feliz dos seus pais, que nela encontram fortaleza bastante para suportar o "peso do dia e do calor", realizando um trabalho constante e exaustivo, assumindo com valentia as responsabilidades do lar.

Não podem faltar na vida quotidiana da família alguns actos de piedade, embora poucos e breves: oração às refeições, ao deitar e levantar, porventura o terço, de modo que os filhos se habituem a considerar o Senhor como Alguém que está metido na vida da família, o Amigo com quem se pode falar a cada momento.

Monsenhor Escrivá aconselha os pais a banir toda a espécie de violência, que será substituída por carinho, paciência, sinceridade, lealdade, compreensão, amizade e confiança.

A uma pergunta: — "Como harmonizar dentro do lar a autoridade dos pais e a liberdade dos filhos?" — Monsenhor respondeu: "ama a liberdade dos teus filhos e ensina-os a administrá-la bem. A liberdade deve ir acompanhada de responsabilidade. Portanto, na educação dos vossos filhos deveis compaginar liberdade e autoridade... Deveis administrar a liberdade dos filhos, segundo a idade que têm. Não podeis tratar a todos da mesma maneira. A justiça exige que trateis de maneira desigual os filhos desiguais, mas de modo que não se criem ciúmes; acreditai-me, o problema da liberdade depende muito dos pais" (*Em Memória de Mons. Josémaría Escrivá de Balaguer*, Pamplona 1976, pág. 92-93).

Também carinho e fortaleza são perfeitamente compatíveis: "Quando há fortaleza também

há carinho porque a fortaleza é parte do amor" (Ibid., 93).

Em 1972, na cidade de Madrid, respondia a um pai preocupado: "Faz-te amigo deles. Sempre digo isto, senão não se pode fazer nada. Convence-os de que ninguém os pode entender como tu, ninguém como tu pode remediar as tolices que eles fazem" (Ibid.). A amizade exige trato contínuo, atenção, confiança na sua palavra, tempo. Quantas vezes acontece que os pais têm tempo para tudo, para montões de negócios importantes e se esquecem de que os filhos são para eles o que há de mais importante sobre a terra. Constituem o melhor tesouro, que não podem desperdiçar, pois dele terão de prestar contas a Deus. Portanto, para os filhos há sempre tempo.

A certa mãe recomendava: "Não te zangues com os filhos... Quando perderes a serenidade, cala-te, senão depois arrepende-te-ás de ter falado. Quando estiveres serena, bem unida ao Senhor, chama-o para junto de ti, a sós, e fala então com confiança, com naturalidade, com carinho. Não os censures. Recordai-vos antes o tempo em que se portavam bem. Faz-lhes ver que seu pai e sua mãe são os melhores conselheiros. Pede-lhes que abram o coração, porque vais compreender, desculpar, ajudar. Verás como tudo irá melhor, se não perdeis — ou se recuperais — a confiança dos vossos filhos" (Ibid.). E nunca esqueçam os pais que a influência mais profunda na educação dos filhos vem mais da vida que da palavra. É pelo que são, e não tanto pelo que dizem, que os pais marcam o futuro dos seus filhos.

Quando se trata de escolher a profissão, o estado de vida (matrimónio, sacerdócio, vida religiosa) ou ainda o celibato apostólico em pleno mundo, os pais devem aparecer como simples conselheiros, para ajudarem os seus filhos a optar com sentido de responsabilidade; mas o seu conselho não pode matar a liberdade. Os pais não têm o direito de impor a sua vontade. Depois de dizerem tudo o que em consciência entendem dever dizer para iluminar, esclarecer, não-de retirar-se, apagar-se, com finura e delicadeza, para não atentarem contra esse dom maravilhoso e divino que é a liberdade. O próprio Deus respeita a decisão pessoal de cada um (Cfr. *Temas Actuais do Cristianismo*, n. 104).

Continua na pág. 58



O casal sem filhos

Monsenhor Escrivá, que amava todas as almas sem excepção, porque vivia, com todas as consequências, a universalidade de amor cristão, ocupou-se também da situação dos pais que se sentem frustrados, por causa da infertilidade do seu matrimónio.

Os filhos são, efectivamente, um grande dom de Deus. Primeiramente, os pais devem pedir ao Senhor essa graça, com humildade, confiança e perseverança. Assim fizeram os patriarcas de que nos fala a Bíblia, no Antigo Testamento. E tantos foram os que, contra toda a esperança humana, viram o seu lar abençoado pelo supremo Doador da vida.

Pode acontecer que a medicina, também dom de Deus, resolva o problema. Se, empregados todos os meios humanos e divinos, a situação permanecer, os pais, longe de cultivarem sentimentos de inutilidade ou frustração, devem antes alegrar-se, porque se encontram numa situação querida por Deus. A vontade de Deus é sempre adorável e santa e quem a abraça em atitude de amorosa e filial aceitação, tem a certeza de que tudo concorre para seu bem, como nota o Apóstolo S. Paulo (Cfr. Rom 8, 28).

E, com profundo sentimento sobrenatural e intuição dos caminhos de Deus, fruto da sua contemplação permanente, Monsenhor Escrivá afirma decididamente: "Muitas vezes, o Senhor não dá filhos porque pede mais. Pede que se tenha o mesmo esforço e a mesma entrega delicada ajudando o próximo, sem o júbilo bem humano de ter tido filhos. Não há, pois, motivo para se sentirem fracassados nem para dar lugar à tristeza" (*Temas Actuais do Cristianismo*, n. 96).

Tudo quanto aqui vai escrito não é mais que breve apontamento dos vastos e profundos ensinamentos que Monsenhor Escrivá distribuiu às mãos cheias, acerca da família, célula base da Igreja e da Sociedade. Aproveitava todas as oportunidades para doutrinar.

Ao longo da sua vida sacerdotal, procurou realizar o programa do Senhor: "Fazer e ensinar" (Cfr. Mat 5, 19). Ensinar era, para Monsenhor Escrivá, uma paixão. Ensinava nos contactos individuais, nas meditações e retiros, nas suas cartas, nas chamadas tertúlias com pessoas de todas as condições. Ensinava ao ritmo da vida quotidiana.

Este apontamento sobre "Monsenhor Escrivá e a família" parece-me particularmente importante no momento actual da vida portuguesa, quando, nesta terra de Santa Maria, Satanás lança contra a família as armas mais eficazes, com ataques subtils, mas sabiamente sistematizados. É chegado o momento de despertar a consciência cristã dos portugueses para as dolorosas realidades. A todos incumbe o dever de reclamar leis justas sobre a família. Mas é ainda mais importante que os cristãos aprendam e vivam no lar os preceitos evangélicos que Monsenhor Escrivá, com tão bom humor e sentido sobrenatural, foi difundido no seu incessante apostolado.

Alberto Cosme do Amaral
Bispo de Leiria

Bibliografia:

- Temas Actuais do Cristianismo* Edição Aster, 2.ª edição, Lisboa, 1973.
Em Memória de Monsenhor Escrivá de Balaguer, Eunsa, Pamplona, 1976.
Cristo que passa, Ed. Aster, 2.ª Edição, Lisboa, 1974.
Caminho, Ed. Aster, Lisboa, 1976.
Amigos de Dios, Ediciones Rialp, Madrid, 1977.



FIZ UM VOTO, MAS DESEJO AMAR...

Sr. Director,

Tive uma infância muito triste, meus pais não me davam carinho nenhum. Muito novinha, devido a uma doença de minha mãe, vivi com uns tios, onde era acarinhada. Mas minha mãe melhorou e voltei para casa. Sempre senti muita atracção por pessoas bondosas e meigas. Por volta dos treze anos apaixonei-me por um seminarista que morava na minha rua. Procurei desviar-me dele, e até pensei ir para freira. Esse seminarista saiu mais tarde, sem ser por minha culpa. Entretanto eu tinha um tio que não era religioso, e certo dia caiu doente, e pensava-se que ia morrer. Foi então que eu, não sei se por inspiração divina, quis oferecer a Deus a minha felicidade no campo do amor em troca da salvação da alma do meu tio, se isso fosse da Sua vontade. O amor era a coisa que mais desejava neste mundo e que nunca experimentei. Confesso que tremi ao fazer essa oferta. Eu presentia os sofrimentos a que me sujeitaria, eu que sonhava com um mundo carinhoso e profundamente compreensivo. Meu tio não morreu dessa vez. Faleceu só no ano passado, mas eu mantenho a minha oferta pois desejo a salvação da alma dele.

O meu coração continuava inclinado para o tal moço ex-seminarista e eu esperava que ele viesse ter comigo. Mas ele não gostava de mim, e um dia soube que ele ia casar com outra! Sofri tanto que adoeci. Convivi com outros moços, procurei divertir-me, mas nunca encontrei outra "alma gémea". Sempre quis fugir do adultério, mesmo em pensamento, mas o diabo tece-as, e um dia, no emprego, apaixonei-me... por um homem casado! Nunca fiz nada de que me envergonhar, mas eu amava-o de corpo e alma! Eu era correspondida, e felizmente que ele um dia foi para longe daqui. Hoje estou em paz, mas nunca julguei que fosse tão bom amar e ser amada, de corpo e alma. Agora tenho 32 anos

e estou destroçada. O meu coração e o meu corpo pedem amor. Eu procuro fazer o bem, ser gentil para com o próximo, mas não me basta. Por outro lado, desde nova que me deixei dominar pelo vício solitário. A principio não sabia que era pecado; depois de muita luta consegui vencer, andei vários anos sem problemas; mas já era adulta e tudo voltou ao mesmo, era mais forte do que eu. Eu não sei o que Deus pensa de mim. Ele pode tudo, fazer-me encontrar um homem bom, meigo e carinhoso... Por outro lado, sei que prometi a Deus nunca casar... E se a alma do meu tio sofresse por causa disso? Por favor, ajude-me!

Marisol

Leitora Amiga, penso que, se resumi a sua longa carta, não atraíçoei o seu pensamento. Entretanto, vou responder-lhe com uma certa brevidade, dando-lhe campo para a reflexão pessoal, de modo a ser a Leitora a tirar por si mesma as conclusões.

Penso que os votos são para ser cumpridos, quando são feitos com conhecimento da matéria que eles abrangem, mesmo que o cumprimento deles traga sacrifícios e mortificação. No entanto, julgo que a pessoa que os faz deve sentir também uma certa alegria interior ao cumpri-los, que não é vaidade nem presunção, mas sim o reconhecimento de que está a fazer algo em louvor de Deus.

Pelo que me diz na sua carta, essa alegria interior tem andado muito misturada com a ideia de que a alma de seu tio (ou, durante a vida dele, a sua conversão) dependia desse seu voto; não nego que o seu sacrifício tenha sido aceite por Deus em ordem à salvação do seu tio, mas o que é certo também é que o principal responsável pela própria salvação é seu tio em pessoa; e, agora, ele faleceu, e portanto o problema da salvação já é irreversível (se bem que

3K

O MÓVEL
DA ELITE

R. Pascoal de Melo, 47 - Lisboa - Tel.: 4 99 07